

## **A FUNÇÃO TERAPÊUTICA DOS CONTOS DE FADAS: SENTIMENTOS E CONFLITOS HUMANOS**

Veruska Oliveira Bonete Pereira  
Moises Fernandes Lemos  
(Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão – UFG/RC)

### **RESUMO**

O presente artigo tem por objeto os contos de fadas como documentos históricos que se perpetuaram ao longo dos séculos em função de seus conteúdos essenciais sobre a condição humana. O estudo visa compreender como tais narrativas expressam sentimentos, conflitos e simbolizam fantasias universalmente conhecidas, assim como pesquisar junto a autores dedicados a esse tema, sobre o potencial terapêutico dos contos de fadas, a partir do referencial teórico psicanalítico. Sendo assim, o método utilizado foi a pesquisa bibliográfica. O trabalho, além de ter viabilizado uma visita a psicanalistas de importante contribuição ao meio acadêmico e clínico, reafirma sob múltiplos olhares, que os símbolos presentes nos contos de fadas possibilitam o acesso ao inconsciente infantil, valioso recurso terapêutico para a abordagem dos conflitos.

*Palavras-chave:* contos de fadas; função terapêutica; psicanálise; narrativas simbólicas; fantasia.

### **Abstract**

#### **The Function of Therapeutic Fairy Tales: Feelings and Human Conflict**

This article focuses on fairy tales as historical documents that have been perpetuated over the centuries due to its essential content about the human condition. The study aims to understand how these narratives express feelings, conflicts and symbolize universally known fantasies, as well as research with the authors dealing with this subject, about the therapeutic potential of fairy tales, from the psychoanalytic theoretical framework. Thus, the method used was the literature research. The work, besides having made possible visits to psychoanalysts of important contribution to the academic and clinical setting, reaffirms under multiple looks that the symbols found in fairy tales provide access to child unconscious, valuable therapeutic resource for addressing of the conflicts.

*Keywords:* fairy tales; therapeutic function; psychoanalysis; symbolic narratives; fantasy.

### **Introdução**

Considerando que as narrativas ocupam lugar privilegiado ao longo dos

séculos, este estudo visa compreender como os contos de fadas expressam sentimentos, conflitos e simbolizam fantasias universalmente conhecidas, assim

como pesquisar junto a autores dedicados a esse tema, sobre o potencial terapêutico dos contos de fadas, a partir do referencial teórico psicanalítico.

Um conto de fadas representa uma proposta de simbolização, em que os elementos mágicos podem gerar sentido e possibilitar a resolução de um conflito. O conto de fadas é um “[...] importante instrumento para auxiliar a criança a lidar com a ansiedade e suportar obstáculos, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade” (Radino, 2003, p. 22).

A escolha deste tema deve-se à importância da fantasia como mediadora para a criança lidar com a sua realidade. Gutfreind (2003) refere-se ao efeito terapêutico dos contos, pois oferecem a possibilidade da criança criar representações dos arcaísmos; possibilitam pensar os conflitos e desenvolver capacidade para lidar com as angústias. Habitar o mundo de fantasias é uma forma de refletir, simbolizar, criar novas histórias, brincar, experimentar.

Este trabalho objetiva compreender como tais narrativas expressam sentimentos, conflitos e simbolizam fantasias universalmente conhecidas, assim como pesquisar junto a autores dedicados a esse tema, sobre o potencial terapêutico dos contos de fadas, a partir do referencial teórico psicanalítico.

## **Metodologia**

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, delineado como um estudo descritivo, conforme classificação proposta por autores da área de metodologia científica (Gil, 2009; Marconi & Lakatos, 2009; Severino, 2007).

Quanto aos procedimentos de coleta de dados o trabalho pode ser classificado como pesquisa bibliográfica, haja vista ser um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, com tratamento científico a se constituir no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. Significa muito mais do que procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos (Marconi & Lakatos, 2009; Severino, 2007).

Toda pesquisa bibliográfica implica no levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas. A fim de conhecer os traços principais de um abusador infantil e as seqüelas resultantes para a vítima, realizou-se como caminho a pesquisa bibliográfica, ou seja, a consulta em fontes secundárias, definida de acordo com Severino, como sendo:

Aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (Severino, 2007, p.122).

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador/pesquisador a cobertura de uma ampla gama de fenômenos. Sendo assim, para realizar a pesquisa sobre a função terapêutica dos contos de fadas realizou-se uma pesquisa bibliográfica junto a psicanalistas de importante contribuição ao meio acadêmico e clínico.

### **A Clínica e o Conto de Fadas**

*Era uma vez... o conto não tem tempo*

Não existe unanimidade entre os autores sobre o tempo do conto. A concordância existe em um ponto: os contos sempre ocuparam lugar importante nas sociedades (Gutfreind, 2003). Os

contos de fadas são considerados documentos históricos, que surgiram ao longo dos séculos e foram sofrendo transformações conforme a sociedade e a cultura. Na forma como atualmente são conhecidos, os contos de fadas datam do Século XIX, juntamente com a invenção da infância (Corso & Corso, 2006).

Também sobre a origem dos contos de fadas não existe consenso. A literatura levanta algumas hipóteses. Inicialmente, de tradição oral, eram histórias repletas de rituais e interditos, passadas de geração a geração. Com a invenção da prensa tipográfica, a tradição oral dos contos de fadas foi sendo transformada em narrativa escrita (Radino, 2003).

De acordo com Hisada (1998, p. 37) a origem dos contos de fadas pode ser encontrada nos escritos de Platão, “[...] onde as mulheres mais velhas contavam as suas ‘estórias’ simbólicas, voltadas para a educação de crianças”. A autora cita o romance “O Asno de Ouro” escrito por Apuleio, filósofo do século 02 d.C.; também, faz referência aos contos encontrados no Egito, nos papiros dos irmãos Anubis e Bata.

Os contos não se dirigiam ao público infantil, originalmente foram criados como entretenimento para adultos. “Os contos de fadas eram contados em reuniões sociais, nas salas de fiar, nos

campos e em outros ambientes onde os adultos se reuniam” (Cashdan, 2000, p. 20). As histórias incluíam temas como exibicionismo, estupro, canibalismo e voyeurismo. Na forma como atualmente são conhecidos, se constituíram durante a Idade Média e Moderna, como literatura popular na Europa em geral. A partir do século XVIII, essas narrativas foram sendo reunidas, recontadas e as histórias repletas de referências sexuais, foram transformadas em contos (Cashdan, 2000).

Entre as compilações mais conhecidas pode-se citar Charles Perrault, que fez alguns retoques, suprimindo questões de violência e sexualidade, presentes nos contos originais. Segundo Radino (2003, p. 78) “ele deu um novo tom à narrativa dos contos de fadas, marcando simbolicamente a transição da sociedade”, retratando assim uma nova concepção de infância que estava se consolidando.

Para Gillig (1999, p. 27) a passagem dos contos de fadas para o público infantil torna-se evidente com as histórias escritas pelos irmãos Grimm. “Os contos dos irmãos Grimm marcam a transição na literatura oral em que personagens passam do estatuto sagrado ao estatuto laico ou mágico, conservando ao mesmo tempo suas funções”.

O poeta Hans Christian Andersen,

diferente dos outros escritores, considerados compiladores e pesquisadores dos relatos orais, fabricou seus contos de fadas diretamente para crianças, por isso é considerado por muitos como o pai da literatura infantil. A maioria de seus contos retrata o maravilhoso, com elementos mágicos e sobrenaturais, suas histórias, por vezes, eram estruturadas como contos de fadas clássicos, outras, eram fábulas morais com forte densidade cristã (Radino, 2003; Corso & Corso, 2006).

O que assegura sua difusão através dos séculos? As antigas histórias de encantamento certamente sobrevivem, porque ainda servem de veículo para questões que persistem, apesar das revoluções dos costumes. Tudo muda, mas dilemas como as dificuldades de crescer, de aprender a amar, de construir uma identidade feminina ou masculina possuem elementos que através dos tempos conseguem apoiar-se em alguns contos de fadas centenários (Corso & Corso, 2010).

Segundo Sinattolli (2008, p. 35) as histórias, inclusive os contos de fadas, “continuam existindo depois de séculos da sua criação, porque trazem dilemas e conflitos universais que ajudam o homem em seu processo de desenvolvimento, de crescimento”.

Bettelheim (2001) afirma que os contos de fadas desafiam o tempo. Corso e

Corso (2011, p. 169) defendem a ideia de que o maravilhoso se perpetua sob novas formas, assim “os contos de fadas, incluindo sua magia e seu incurável romantismo, não morrem, apenas se transformam”. Para Gutfreind, (2003, p. 23), “O conto é fora do tempo”, constatação que chega o autor frente à tarefa de situar a origem dos contos. Freud (1908a, p. 142) em *Escritores criativos e devaneios* coloca, ao explorar a origem dos contos, a hipótese de que eles são “os sonhos seculares da jovem humanidade”.

O certo, porém, é que os livros que têm resistido ao tempo, seja na Literatura Infantil, seja na Literatura Geral, são os que possuem essência de verdade, capaz de satisfazer à inquietação humana, por mais que os séculos passem. (Meireles, 1984, p. 117).

#### *A importância da fantasia para o desenvolvimento*

No artigo “Para que servem as ficções?” (2007) o psicanalista Contardo Calligaris escreve que a ficção inventa experiências singulares que revelam a humanidade que é comum a todos nós. Essa é a magia da ficção, pois traduz de maneira simbólica os desejos do homem. Sendo assim, “uma vida se faz de histórias

– as que vivemos, as que contamos e as que nos contam” (Corso & Corso, 2006, p. 23). Quando ouvimos, criamos ou contamos uma história descobrimos a magia da ficção. Nos transportamos para um mundo de fantasia que pode servir como mediador, onde aprendemos a lidar com a realidade. As bruxas, fadas, ogros, príncipes, tapetes voadores, dragões, gigantes, favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo. Isso é o encantador dos contos de fadas, pois eles nos questionam, nos angustiam, nos põem em processo de produção.

O conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual. A criança precisa ser exposta a essa linguagem, e deve aprender a prestar atenção a ela, se deseja chegar a dominar sua alma (Bettelheim, 2001, p. 197).

A vida imaginária é uma necessidade fundamental. A fantasia é a mediadora para a criança lidar com a realidade, “a paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto não existe infância sem ficção” (Corso & Corso, 2006, p. 21). Radino (2003, p 116)

refere-se à fantasia como sendo nosso combustível interno. “Desde o nascimento, para que possamos sobreviver psiquicamente, criamos fantasias, tão necessárias para dominar nossas angústias e realizar nossos desejos”.

Em *Sobre As Teorias Sexuais das Crianças*, Freud (1908b) argumenta que desde a infância tenta-se desvendar enigmas e que a maior motivação é a curiosidade sexual. Esses enigmas geram fantasias que tentam desvelar o mundo dos adultos, assim a criança necessita utilizar a fantasia para estabelecer uma ponte entre o mundo interno e a realidade exterior.

“A ficção, infantil ou adulta, supre os indivíduos de algo que não se encontra facilmente em outros lugares: todos precisamos de fantasia, não é possível viver sem escape. Para suportar o fardo da vida comum, é preciso sonhar” (Corso & Corso, 2006, p.304). Esses autores acreditam que a fantasia, além de ajudar a suportar os fatos reais da vida, “ela nos constitui, nos molda e faz parte da arquitetura da nossa personalidade”. (Corso e Corso, 2011, p. 19). No mundo de fantasias a criança pode criar personagens, podem surgir figuras temidas e perigosas, um coelho usa relógio que não marca as horas, o lobo entra em cena, a mãe é bruxa e o sapo pode ser rei. Fantasia é o “lugar onde ocorre aquilo que não é verdade, mas

realmente acontece, onde há aventuras imaginárias que deixam efeitos perceptíveis em quem as viveu”.

Para Nasio (2007) a realidade psíquica é coberta de fantasia.

Que é então uma fantasia? É uma cena, às vezes uma recordação esquecida que, sem ter retornado à consciência, continua ativa. É uma cena em geral inconsciente destinada a satisfazer um desejo incestuoso que não pode se realizar. O filho nunca copulará com a mãe e, se o fizesse, seu desejo continuaria insatisfeito. A fantasia tem como função substituir uma satisfação real impossível por uma satisfação fantasiada possível. O desejo é então parcialmente saciado sob a forma de uma fantasia que, no cerne do inconsciente, reproduz a realidade. Eis porque Freud qualificou a fantasia de *realidade psíquica*. Em outros termos, quando um desejo incestuoso não encontra seu objeto na realidade concreta – e, insisto, ele nunca o encontrará – o eu o inventa e cria integralmente em sua imaginação (Nasio, 2007, p.10).

Para Freud (1908a, p.135) a criança cria a fantasia, já que ela “cria um mundo próprio, ao juntar os elementos do mundo de uma nova forma que lhe agrade”. Na

fantasia não há tempo estabelecido e lógico, por isso existe uma relação entre fantasia e sonho; nela, passado, presente e futuro se misturam com as lembranças do que a criança já viveu, do que vive e do que deseja viver.

Gutfreind (2003) afirma que os contos trazem fatos que a criança vive em seu inconsciente e que auxiliam a transformar o conteúdo inconsciente em fantasias representáveis, abrindo dimensões imaginárias. A simbologia, que habita os contos de fadas, torna possível o acesso ao inconsciente, chegando a tocar em situações conflituosas ou mesmo desafiadoras, como um importante recurso para a transformação ou superação de problemas ainda intocados.

#### *A função terapêutica dos contos de fadas*

Etimologicamente, o termo conto vem do latim *computare*, que se refere a relatar uma história e a palavra fada do latim *fatum*, que significa destino. Relatar significa que uma história pode ser repetida quantas vezes for atrativa, assim um conto de fadas representa relatar o destino. Esse destino, na existência humana, gera um conflito entre ternura e tragédia, intimidade e universalidade (Alberti, 2006).

Os contos de fadas mostram à

criança questões humanas, que ela vivencia, mas não tem condições de verbalizar. Os contos dão forma aos desejos, de tal modo que a criança pode vivê-los sem culpa. As histórias oferecem à criança as experiências de memorização e de utilização do pensamento para tratar os conflitos propostos pelo conto, confrontando-os com seus próprios conflitos internos, tendo como objetivo uma melhor gestão da angústia, como enfatiza Gutfreind (2003) citando as ideias de Lafforgue (1988).

Corso e Corso (2006) enfatizam que a criança ainda não delimitou as fronteiras entre o real e o imaginário, entre o que aconteceu de verdade e o que poderia ter acontecido, todas as possibilidades de linguagem lhe interessam para compor o repertório imaginário de que ela necessita para entender os enigmas do mundo e do desejo.

Conforme Ferro (1995), o conto permite que a criança viva em outro lugar e outro tempo, seus medos mais inconfessáveis, justamente por estarem relacionados às pessoas que mais preza como a mãe e o pai, ou ainda por representarem aspectos seus.

Gutfreind (2004, p. 24) trata o conto como uma obra aberta e como fonte de prazer, relaciona-o com o brincar: “[...] a fonte importante de seu potencial

terapêutico parece vir de sua dimensão lúdica. Conto é também brinquedo. Diversão pura e simples, perda de tempo, descanso da realidade e todos esses aspectos fundamentais para que a criança consiga se desenvolver e elaborar-se”.

Corso e Corso (2006, p. 178) defendem a eficácia psicológica das histórias infantis, se referem às histórias como brinquedos verbais que a criança pode encaixar à sua maneira. Segundo os autores,

[...] o compartilhamento de trechos do imaginário entre as crianças é o que possibilita sua utilização como se fosse um brinquedo. Se uma menina diz para a outra: ‘seremos princesas, eu quero ser a Bela Adormecida’; a amiga pode responder: ‘e eu a Cinderela’; e então a brincadeira pode começar sem maiores esclarecimentos. [...] o imaginário infantil abastece-se de histórias, traços de personalidade de personagens e cenários provenientes da ficção, que são utilizados conjuntamente como bonecas, carrinhos, bichos de pelúcia ou super-heróis de plástico (Corso & Corso, 2006, p. 178).

Cashdan (2000, p. 25) conceitua os contos de fadas como dramas sérios que refletem eventos que acontecem no interior da criança e é por isso que os contos de

fadas não morrem. “Os contos de fada, além de serem aventuras mágicas, ajudam as crianças a lidar com as lutas internas que são parte de sua vida diária”.

A literatura sustenta a aplicabilidade terapêutica dos contos de fadas na clínica psicológica com crianças, tanto para diagnóstico quanto para o tratamento, quando são usados como uma forma de expressão e simbolização do sofrimento (Bettelheim, 2001; Corso & Corso, 2006; Ferro, 1995; Gillig, 1999; Gutfreind, 2003, 2004; Hisada, 1998; Radino, 2003).

De forma simbólica, como nos sonhos, os contos de fadas narram nossas histórias e propõem pontos de identificação (Corso & Corso, 2011). Assim, João do Pé de Feijão, filho que está longe de ser o que a mãe idealizava, enfrenta o gigante; o nascimento de um patinho diferente em o Patinho Feio; os irmãos do conto João e Maria oferecem a fantasia sobre a expulsão do lar; a rivalidade fraterna vivida em Cinderela; Chapeuzinho Vermelho associando o tema da curiosidade sexual; Os Três Porquinhos narram o risco de ser devorado e, tantos outros.

As histórias constituem-se num produto do saber humano, pois lidam com as certezas fundamentais do existir, questões que se referem à morte, nascimento e sexualidade. Conectam as



crianças com seu mundo interno, possibilitando o autoconhecimento e posterior identificação com a realidade exterior. Introduzem os pequenos no mundo dos porquês, acolhem o caos e o vestem de representações, ilustram temores e encarnam ideais e desejos. “As histórias com suas metáforas permitem ao paciente a iniciativa de apreender o que estiver ao seu alcance e de acordo com seu tempo interno” (Hisada, 1998, p. 7).

As histórias infantis, por falarem do paciente através de personagens da imaginação recriam a ilusão, que o paciente pode utilizar como informação para autoconsciência, podendo então usar estas informações para representar angústias, que até então não se expressavam num código lingüístico (Safra, 2005, p. 84).

Gillig (1999) propõe uma abordagem didática com efeitos pedagógicos, a partir dos contos de fadas, enfatiza que visa simultaneamente um melhor desempenho no nível da psique, processo de identificação, gestão da angústia e um ingresso no mundo da cultura do escrito. O autor ressalta que o conto, na psicopedagogia, proporciona à criança capacidade de se projetar para querer crescer e *ressignificar* as dificuldades para ler e escrever.

Gutfreind (2003), a partir dos estudos de Bonafé (1994), Lafforgue (1995) e de sua experiência pessoal, propôs um modelo de trabalho chamado ateliê terapêutico de contos. Utilizando o conto como mediador terapêutico em psicoterapia de grupo, o autor apresenta uma metodologia própria, apesar de deixar claro que não existe uma única forma de trabalhar. Inicialmente a história é contada, existe espaço para o desenho, para representação dramática da história e discussão sobre o conto. O uso do conto, na psicoterapia infantil, revelou o potencial terapêutico dos contos, pois trouxe alento para o sofrimento psíquico das crianças envolvidas por temas, como carência afetiva ou, pelo menos, de um transtorno relacionado à ruptura prolongada do vínculo com os pais. Houve uma melhora geral na capacidade de construir relatos, colocar em cena os afetos, o enriquecimento da vida imaginária, a possibilidade de expressar e elaborar conflitos, ligados especialmente, à separação e à carência.

Sinattolli (2008) conclui que a utilização de histórias como instrumento na entrevista devolutiva, tanto para crianças quanto para os pais, facilita na integração dos aspectos do psicodiagnóstico. O uso da história na entrevista devolutiva serve como uma técnica lúdica e facilitadora no

processo de comunicação de informações, sem invadir a criança, já que possibilita o apaziguamento dos conteúdos que foram tocados durante todo o processo de psicodiagnóstico.

Romaro e Fernandes (2011) enfatizam a utilização dos contos de fadas como recurso terapêutico que pode ser usado pelo psicólogo no contexto hospitalar. As autoras consideram os contos de fadas como uma estratégia terapêutica importante durante o processo de internação, na tentativa de minorar o sofrimento. A criança se identifica com os conteúdos dos contos, relacionando-os com seus próprios conflitos psíquicos; a partir desse contato, de forma lúdica, surge a possibilidade de transformação da realidade, fortalecimento do ego e organização das estruturas psíquicas.

Godoi e Chacon (2011), em terapia de grupo com crianças e adolescentes em situação de abrigo, utilizaram os contos de fadas como recurso terapêutico; sendo possível verificar mudanças no comportamento. Nos referidos grupos os membros do grupo cooperaram mais e diminuíram as agressões verbais.

Soares (2011) propôs verificar o impacto da realização da oficina terapêutica de contos de fadas com crianças de 6 e 7 anos, que estavam aguardando atendimento psicoterápico, no

contexto de uma clínica-escola de psicologia. A autora considera que houve contribuição dessa atividade em relação ao fluxo da fila de espera; possibilitou a formação de vínculo entre paciente e instituição; auxiliou na avaliação, assemelhando-se a uma triagem estendida; estimulou a imaginação por meio das histórias, bem como a expressão do mundo interno das crianças.

Nossas histórias favoritas acabam sendo fontes de inspiração e identificação, refinam ou embrutecem nossa sensibilidade, nos ampliam ou cerceiam os horizontes, ajudam a penetrar na realidade ou a evitá-la, sendo, portanto, decisivas para o que nos tornamos (Corso & Corso, 2011, p. 13).

Essa argumentação, apresentada pelos autores, nos lembra os traçados do bloco mágico, que têm a superfície receptiva para ser utilizada repetidas vezes, ou seja, capaz de receber muitas impressões, como também, possui traços permanentes, onde o que foi escrito será retido. (Cfe. Freud, 1924).

### **Considerações Finais**

A literatura selecionada oferece importante contribuição para a compreensão de como os contos de fadas

expressam sentimentos e conflitos infantis, simbolizam fantasias universalmente conhecidas, assim como se configuram num importante recurso terapêutico.

O valor terapêutico das histórias está em permitir que as crianças coloquem em palavras, experiências traumatizantes, revelando ser a narrativa um meio capaz de produzir sentidos, resgatar histórias de vida, avançar no processo de aprendizagem, dizer dos seus sintomas, suas dores, suas angústias e seus fracassos.

Os símbolos presentes nos contos de fadas possibilitam o acesso ao inconsciente da criança e, portanto, tocam em pontos importantes, conflituosos e desafiadores e, com isso, um importante recurso para transformá-los. Os contos de fadas enriquecem o desenvolvimento da criança e oferecem fantasia. A fantasia nos revela porque somos feitos dela, nos acompanha e representa a realidade de cada sujeito. O prazer que não pode ser encontrado no mundo real pode ser satisfeito na fantasia. As histórias servem para brincar, fantasiar e elaborar conflitos.

Os personagens dos contos de fadas apresentam um potencial de representações para o imaginário infantil. Cenários com gigantes, bruxas, reis, rainhas, lobos,

ajudam a elaborar impasses subjetivos, já que simbolizam fantasias infantis universais.

O psicólogo pode utilizar os contos de fadas como recurso para abordar os conflitos da criança, oferecendo histórias que servem de instrumento para interpretação. São vias de acesso para compreensão do psiquismo infantil e podem levar o paciente à experiência de surpreender-se durante a sessão. As narrativas ajudam o paciente a reconhecer o que ele tem de mais íntimo e, com isso, os desejos inaceitáveis podem se tornar aceitáveis, já que possibilitam encenar os dramas e, assim, pensar sobre eles.

Enriqueceria o presente estudo trazer ao contexto teórico a utilização dos contos de fadas em experiência clínica; entretanto, não havendo ainda se proporcionado tal vivência, cumprem-se os objetivos propostos através da pesquisa bibliográfica efetivada. Assim, sugere-se para trabalho futuro um estudo de caso à luz da bibliografia aqui utilizada ou ainda, nova pesquisas que oportunizem ampliar o universo teórico subsidiando os profissionais da psicologia quanto à utilização dos contos de fadas como recurso terapêutico.

## Referências

- Alberti, P. B. (2006). *Contos de fadas tradicionais e renovados: uma perspectiva analítica*. Dissertação (mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional.
- Bettelheim, B. (2001). *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Calligaris, C.(2007). Para que servem as ficções? *Folha de S. Paulo*, 18 jan.
- Cashdan, S. (2000). *Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas*. Rio de Janeiro: Campus.
- Corso, D. L. & Corso, M. (2006). *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- \_\_\_\_\_. (2010). Entrevista para *Revista Kalunga*. Disponível em: <http://www.marioedianacorso.com/wp-content/uploads/2010/11/Entrevista-para-a-Revista-Kalunga.pdf> Acesso em 23 maio de 2012.
- \_\_\_\_\_. (2011). *A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil: a criança e o analista da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1908a) Escritores Criativos e Devaneios. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. IX, p. 133-143.
- \_\_\_\_\_. (1908b). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. IX, p. 189-204.
- \_\_\_\_\_. (1924) Uma Nota sobre o Bloco Mágico. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX, p. 285-294.
- GIL, A. C. (2009). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gillig, J-M. (1999). *O conto na psicopedagogia*. Porto Alegre: Artmed.
- Godoi, V. C. & Chacon, M. C. M. (2012). *Os contos de fadas como recurso terapêutico no cuidado de crianças e adolescentes em orfanatos*. Disponível em: [http://prope.unesp.br/xxi\\_cic/27\\_36704868879.pdf](http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_36704868879.pdf) Acesso em 23 maio de 2012.
- Gutfreind, C. (2003). *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

\_\_\_\_\_. (1998). Contos e desenvolvimento psíquico. *Revista Viver Mente e Cérebro*. Ano XIII, n. 142, nov 2004.

Hisada, S. (1998). *A utilização de histórias no processo psicoterápico: uma proposta Winnicottiana*. Rio de Janeiro: Revinter.

Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2009). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas.

Meireles, C. (1984). *Problemas da Literatura Infantil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Nasio, J-D. (2007). *A fantasia: O prazer de ler Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Radino, G. (2003). *Contos de Fadas e Realidade Psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Romaro, R. A. & Fernandes, F. E. de S. (2011). *O Conto de Fada Como Recurso Terapêutico no Contexto Hospitalar*. Disponível em: <http://www.profala.com/artpsico114.htm> Acesso em 24 maio de 2012.

Safra, G. (2005). *Curando com histórias*. São Paulo: Sobornost.

Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.

Sinattolli, S. (2008). *Era uma vez – na entrevista devolutiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Soares, F. R. (2011). *Oficinas terapêuticas com crianças em uma clínica-escola de psicologia: utilização de contos de fadas*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-04112011-115131/pt-br.php> Acesso em 28 de jul de 2012.

## Os autores

**Veruska Oliveira Bonete Pereira** e psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, e.mail: [vbonete@yahoo.com.br](mailto:vbonete@yahoo.com.br).

**Moises Fernandes Lemos** e psicólogo clínico, especialista em Psicologia Clínica e em Filosofia, mestre em Psicologia e doutor em Educação. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão – UFG/RC. Endereço – Rua Eduardo de Oliveira, 289, apto 102, Bairro Lídice, CEP 38400-068 – Uberlândia – MG. E.mail – [moisesflemos@yahoo.com.br](mailto:moisesflemos@yahoo.com.br)